



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER PROSTITUTA NA POEISA DE CORA CORALINA

Jailma da Costa Ferreira; Fernanda Karyne Oliveira; Ana Lúcia Maria de Sousa Neves

Universidade Estadual da Paraíba; jailma.jdf@gmail.com;
Universidade Estadual da Paraíba; fernandakoliveira@gmail.com.
Universidade Estadual da Paraíba; analiteraturasouza@yahoo.com.br

RESUMO

É pretensão deste artigo discutir a representação da figura feminina a partir da escrita poética de Cora Coralina, para tanto será realizada uma análise do poema *Mulher da Vida*, no qual Cora nos apresenta a imagem da mulher prostituta. Através de sua poesia, Cora Coralina abre espaço para os marginalizados da sociedade; aqueles/as que são alvos de crítica e preconceito tornam-se tema da escrita da poetisa. No poema analisado poderá se perceber que Cora promove a mulher prostituta, trazendo quem está à margem da sociedade para o centro da cena. O século XIX foi marcado pelas lutas das mulheres por conquista de espaço e liberdade, o texto literário foi um dos primeiros espaços onde essas mulheres puderam manifestar-se. A pesquisa realizada caracteriza-se como bibliográfica e qualitativa e, almeja percorrer o caminho traçado pela *mulher da vida* no poema de Cora Coralina, tendo como aporte teórico Machado (2010), Pinheiro (2003) e Duarte (2008), pretende-se, pois, mostrar a voz que Cora Coralina dá a mulher através de sua poesia.

Palavras-Chaves: Cora Coralina, Poesia, Mulher, Prostituta.

INTRODUÇÃO

“Cora Coralina: gosto muito deste nome, que me invoca, me bouleversa, me hipnotiza como no verso de Bandeira.” (Carlos Drummond de Andrade),

Ana Lins do Guimarães Peixoto Bretas (1889-1985), nascida em Goiás Velho, traz nos seus versos a simplicidade do cotidiano e vida da sociedade goiana. Cora Coralina “se coloca junto aos humildes, defende-os com espontânea opção, exalta-os, venera-os. Sua consciência humana não é menor que sua consciência da natureza” (ANDRADE *apud* CORALINA, 2013, p. 9).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Dessa forma, aqueles que são excluídos pela sociedade são um dos principais temas que circunda a poesia de Cora, a poetisa tem o altruísmo de trazer para seus versos aqueles que a sociedade repele. Neste contexto, será analisado o poema *Mulher da vida*, no qual Cora leva o leitor a refletir sobre o papel que essa mulher ocupa na sociedade, em seu poema a poetisa proporciona uma reflexão acerca do quanto essa mulher é esquecida pela justiça e discriminada pelas pessoas.

A partir desse poema será discutido o papel que a mulher tem assumido no corpo social onde habita. Não é novidade que a mulher sofreu e ainda sofre preconceitos na sociedade, sendo muitas vezes vista como aquela que nasceu para o lar, para casar-se e ter filhos, a mulher que buscava espaço fora dessa realidade sempre foi arduamente discriminada. O texto literário foi um forte aliado da mulher para mudar o rumo da sua história, a leitura e a escrita foram armas poderosas para que a mulher alcançasse novos horizontes. Dessa forma,

Rabiscar bilhetes podia ser uma ameaça à integridade familiar e à autoridade paterna. Mas escrever poemas e publicá-los era sem-vergonhice mesmo. O nome da mulher, tanto quanto sua pessoa, devia se manter dentro do lar. (MACHADO, 2010, p. 312).

De maneira persistente as mulheres foram conseguindo mudar essa realidade, o poema *Mulher da vida* é uma expressão daquilo que a mulher enfrentou e ainda enfrenta para sobreviver numa sociedade preconceituosa e egoísta. Cora busca através de sua poética dá voz aos desprezados, “na estrada que é Cora Coralina passam o Brasil velho e o atual, passam as crianças e os miseráveis de hoje” (ANDRADE *apud* CORALINA, 2013, p. 8). Assim sendo, será possível perceber que através de sua escrita, Cora Coralina dá vez e voz às mulheres, o texto literário é um dos caminhos escolhidos por Cora para defender os que estavam aquém da sociedade.

METODOLOGIA



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A perspectiva metodológica que norteia este trabalho está fundamentada na teoria literária, focalizando o feminino na literatura. A pesquisa realizada caracteriza-se como qualitativa e bibliográfica. A leitura do texto literário não converge para uma interpretação unívoca já que ela nos permite diversas interpretações, pois, a arte tem um caráter pessoal de interpretação, garantido também pela linguagem plurissignificativa da obra literária. Desta maneira, através da análise do poema *Mulher da vida* (Cora Coralina), busca-se evidenciar os obstáculos que a mulher tem encontrado ao longo dos séculos para obter aceitação fora do meio doméstico, tentando se tornar autônoma e participativa em uma sociedade patriarcalista por essência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos marcos dos séculos XIX e XX é a luta da mulher brasileira pela busca de espaços fora do ambiente doméstico, o advento da modernidade faz nascer a mulher leitora, um dos fatores que muito contribui com a emancipação da mulher, o crescimento das cidades e o fortalecimento da burguesia a leva ser mais destemida e ousada. Conforme destaca Machado (2010, p.312)

Com a prosperidade interna e a consolidação de uma burguesia urbana endinheirada, festeira, amiga dos prazeres e das artes, um grande vento de renovação passa a soprar na sociedade brasileira, atirando para o entulho muita velharia e preconceito. A mulher ainda se queixa, talvez sem perceber suas próprias conquistas [...]. Mas o simples fato de pôr a boca no mundo já era uma conquista. As mais ousadas começavam a se projetar como escritoras, poetisas, jornalistas, reivindicando direitos por meio da palavra escrita.

Nessa nova fase da mulher moderna surge um novo fator que é demasiadamente importante, além de serem leitoras algumas também passam a atuarem como escritoras. No entanto, mesmo considerando que a leitura e a escrita foram pontos fundamentais para que a mulher conquistasse seu espaço, não se pode deixar de salientar que isso ainda não significou que ela estaria livre de preconceitos e que deixasse de existir a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ideologia a qual considerava que a mulher foi feita para o casamento e a maternidade.

Dessa maneira,

Quando começa o século XIX, as mulheres brasileiras, em sua enorme maioria, viviam enclausuradas em antigos preconceitos e imersas numa rígida indigência cultural. Urgia levantar a primeira bandeira, que não podia ser outra senão o direito básico de aprender a ler e escrever (então reservado ao sexo masculino). [...] E foram aquelas primeiras - e poucas - mulheres que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler nem escrever [...]. (DUARTE, 2008, p. 28).

Cora Coralina nascida no final do século XIX cresceu nesse processo de mudanças na vida da mulher, frequentou apenas as primeiras séries do ensino primário, mas aos 14 anos já escrevia seus textos. No entanto, aos 21 anos de idade estando grávida, sai de Goiás para São Paulo com seu futuro marido Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas. Só após a morte do marido, Cora retorna a Goiás, faz um bonito nome de doceira e somente após alguns anos é reconhecida como escritora.

A escrita de Cora Coralina está situada numa época em que a mulher mesmo oprimida lutava pela conquista de espaço, vagarosamente as mulheres superavam as ideologias impostas pela sociedade patriarcalista. O poema *Mulher da vida* foi escrito em homenagem ao ano internacional da mulher. Cora poderia ter falado de qualquer mulher, mas escolheu a prostituta, o que implica uma postura política e crítica, a poetisa dá voz à mulher prostituta que luta por sobrevivência numa sociedade preconceituosa e egoísta, o poema aponta para as lutas que muitas mulheres travaram consigo mesmas e com a sociedade.

Mulher da Vida, minha Irmã.
De todos os tempos.
De todos os povos.
De todas as latitudes.
Ela vem do fundo imemorial das idades e
carrega a carga pesada dos mais
torpes sinônimos,
apelidos e apodos:
Mulher da zona,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Mulher da rua,
Mulher perdida,
Mulher à toa.¹

Mulher da Vida, minha irmã.
Pisadas, espezinhadas, ameaçadas.
Desprotegidas e exploradas.
Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito.
Necessárias fisiologicamente.
Indestrutíveis.

Sobreviventes.
Possuídas e infamadas sempre por
aqueles que um dia as lançaram na vida.
Marcadas. Contaminadas,
Escorchadas. Discriminadas.

Nenhum estatuto ou norma as protege.
Sobrevivem como erva cativa dos caminhos,
pisadas, maltratadas e renascidas.

Flor sombria, sementeira espinhal
gerada nos viveiros da miséria, da
pobreza e do abandono,
enraizada em todos os quadrantes da Terra.

Um dia, numa cidade longínqua, essa
mulher corria perseguida pelos homens que
a tinham maculado. Aflita, ouvindo o
tropel dos perseguidores e o sibilo das pedras,
ela encontrou-se com a Justiça.

A Justiça estendeu sua destra poderosa e
lançou o repto milenar:
“Aquele que estiver sem pecado
atire a primeira pedra”.

As pedras caíram
e os cobradores deram as costas.

O Justo falou então a palavra de equidade:
“Ninguém te condenou, mulher...
nem eu te condeno”.

A Justiça pesou a falta pelo peso
do sacrifício e este excedeu àquela.
Vilipendiada, esmagada.
Possuída e enxovalhada,
ela é a muralha que há milênios detém
as urgências brutais do homem para que

¹ O poema *Mulher da vida* foi retirado de DENÓFRIO, Darcy França. **Cora Coralina**. 3. ed. São Paulo: Global, 2008, p. 261-265.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

na sociedade possam coexistir a inocência,
a castidade e a virtude.

Na fragilidade de sua carne maculada
esbarra a exigência impiedosa do macho.
Sem cobertura de leis
e sem proteção legal,
ela atravessa a vida ultrajada
e imprescindível, pisoteada, explorada,
nem a sociedade a dispensa
nem lhe reconhece direitos
nem lhe dá proteção.
E quem já alcançou o ideal dessa mulher,
que um homem a tome pela mão,
a levante, e diga: minha companheira.

Mulher da Vida, minha irmã.
No fim dos tempos.
No dia da grande Justiça
do Grande Juiz.
Serás remida e lavada
de toda condenação.

E o juiz da Grande Justiça
a vestirá de branco
em novo batismo de purificação.
Limpará as máculas de sua vida
humilhada e sacrificada
para que a Família Humana
possa subsistir para sempre,
estrutura sólida e indestrutível
da sociedade,
de todos os povos,
de todos os tempos.
Mulher da vida minha irmã.

*Declarou-lhes Jesus: Em verdade vos digo que publicanos
e meretrizes nos precedem no Reino de Deus.*

Na primeira estrofe do poema vê-se a figura da mulher prostituta, uma mulher que sempre existiu em todos os lugares e tempos, entretanto durante sua existência sempre foi tratada de forma pejorativa e desprezível. Pois, aquela que saísse do “espaço doméstico” era discriminada pela sociedade, como se lê em Telles (2010, p. 403):

O discurso sobre a “natureza feminina”, que se formulou a partir do século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher, quando maternal e delicada como *força do bem*, mas, quando “usurpadora”



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como *potência do mal*. [Itálicos da autora]

Cora traz à luz do seu texto uma mulher que é vitimada pela sociedade não somente por se constituir como um ser feminino, mas principalmente pela condição social que ocupa, pois além de ser mulher é prostituta, está fora do lar, isso é uma afronta a cultura da época, afinal, “o nome da mulher, tanto quanto sua pessoa, devia se manter dentro do lar.” (Machado, 2010, p. 312).

Em sua poesia Cora “se coloca junto aos humildes, defende-os com espontânea opção, exalta-os, venera-os” (ANDRADE *apud* CORALINA, 2013, p. 9). A poetisa se coloca junto à mulher da vida, chamando-a “minha irmã” e posiciona-se em defesa dessa mulher, pois ao final do poema, fazendo alusão ao episódio bíblico do evangelho de João no capítulo 8, em que os escribas e fariseus levam a Jesus uma mulher pega em adultério e Jesus não a condena pelo seu delito, Cora defende que a *mulher da vida* será tal qual aquela que levaram ao Cristo, perdoada e liberta de condenação, encontrará a Justiça. No entanto, este artigo não se deterá neste aspecto, mas partirá para a forma com que Cora retrata essa mulher na sociedade em que vive.

Cora Coralina, “velada ou sutilmente, vai penetrando nas fronteiras censuradas para a mulher” (Pinheiro, 2003, p. 233), trazendo ao centro do poema à prostituta, uma das figuras mais discriminadas pela sociedade, Cora refaz o rosto dessa mulher que é marcada pelo desprezo, mostrando a fragilidade que permeia seu ser. Entre pedras atiradas, a poetisa faz brotar, a partir dos seus versos, a sensibilidade dessa mulher, que ao mesmo tempo em que é frágil também é guerreira.

Estes versos são compostos pelos traços que compõe a figura da mulher que é ultrajada pela sociedade, sua vida é considerada tão indigna que seus próprios direitos lhes são negados. No entanto, mesmo havendo a negação de seus direitos e de sua dignidade enquanto pessoa, essa mulher tem se tornado indestrutível pelo fato de conseguir sobreviver em meio às adversidades. É possível também perceber no poema a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

poetisa constatando que aqueles que possuem e tornam essas mulheres infames são aqueles que as lançaram nessa vida. Assim, atenta para o fato de que muitas dessas mulheres, que vivem na condição de prostituta, não fizeram essa escolha livremente, algumas entraram nesse caminho porque não foi dada outra oportunidade de escolha.

Na décima primeira estrofe do poema, a poetisa apresenta mais uma vez aspectos já vistos em trechos anteriores – a negação dos direitos, a discriminação, os ultrajes, etc. –, mas aponta alguns aspectos novos. Embora seja atribuída à mulher toda desonra e vergonha, Cora nos aponta uma verdade encoberta, diante da mácula dessa mulher há “a exigência impiedosa do macho”. Qual é a saída que essa mulher pode ter? Qual o outro caminho que ela pode escolher? A figura masculina aparece aqui como uma grande barreira intransponível, a mulher encontra-se diante de um obstáculo aparentemente insuperável.

Sendo assim, só há uma solução, um homem que alcance os ideais dessa mulher, ou seja, um homem que reconheça que há sonhos, projetos, há outra perspectiva de vida nessa mulher e, assim, possa tomá-la pela mão e tê-la para si não mais como a mulher da zona, mas como sua companheira. O homem que explora e ultraja a mulher é o mesmo que pode tirá-la dessa situação, parece que a mulher por si só não consegue sair dessa condição.

Perceber esses traços na poesia de Cora é trazer à luz a mulher subserviente ao homem, o ser feminino sempre se sobrepondo ao masculino. Essa realidade foi muito vivida no século XIX, mesmo a mulher já conquistando sua liberdade, havia ainda a necessidade da figura masculina para assegurar-lhe uma espécie de proteção e assim conservar sua imagem. Segundo Machado (2010, p. 313)

A multiplicação de saraus e o aumento de número de pianos nas residências foram decisivos, também, para a libertação da mulher, que começava a se tornar rueira. Recatadamente amiga da rua, **sempre com o indispensável**



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

anjo da guarda de sua reputação: marido, filho pequeno ou mucama. Sozinha não. [*Negritos nossos*]

Sair de casa para ir à rua era uma atitude ousada, por isso era necessário que levasse consigo um guardião. Imagine, então, ter uma vida social, estar inserida num mercado de trabalho, isso era praticamente inexistente, sobretudo no que diz respeito às mulheres burguesas. No século XX essa realidade já havia mudado em alguns aspectos, no entanto, ainda era muito difícil a mulher sair da casa de seus pais se não fosse para casar, saindo da casa paterna a mulher devia agora viver em função do seu novo lar, deveria viver para o marido, a maternidade e os serviços domésticos.

Embora a coerção pesasse com mais força sobre as mulheres da sociedade e os gestos obedecessem a códigos de urbanidade que sempre ditam o que uma mulher decente deve evitar fazer, Cora se torna uma mulher pública. Seu trabalho a empurra para fora de casa. Ousada, deixa para trás preconceitos sociais, correndo atrás de sua cidadania na política e na sociedade. (PINHEIRO, 2003, p.228).

É através de sua ousadia que enfrenta os preconceitos da época em que viveu e em decorrência de sua própria história, em busca de liberdade e luta contra os preconceitos de uma sociedade machista, que Cora abre espaço na sua poesia para aqueles que são vítimas da exclusão social. Nos versos de Cora é possível ler e sentir a necessidade que é própria de todo e qualquer ser humano, mas que muitas vezes é negado a muitos por causa das diversas discriminações sociais.

Cora transparece, através de seu poema, que a prostituta não pode ser considerada somente como a *mulher perdida*, é nos versos da poetisa que essa mulher é exaltada não mais como a *mulher da zona*, mas como a *mulher da Vida* que aguarda pela Justiça Divina, o “Grande Juiz” levará essa mulher ao caminho da restauração ao purificá-la, Ele a conduzirá ao seio da família. Dessa forma, a poetisa reafirma os valores da sociedade patriarcalista, tendo em vista o casamento como redenção para a mulher. Isto se deve a formação tradicional em que foi criada, sua escrita não deixa de estar atrelada aos valores do seu tempo.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CONCLUSÕES

Os estudos de gênero têm demonstrado, ao longo dos anos, mudanças significativas na vida da mulher. Durante muito tempo, o espaço da mulher restringia-se ao de dona de casa e mãe, considerada a “rainha do lar”, entretanto, graças, principalmente, ao acesso à leitura e à escrita, a mulher passou a ocupar lugares, que até então, eram dominados apenas pela figura masculina, como o magistério, por exemplo. Desde então, a mulher vem lutando para ser autora de sua própria história, vivenciando deslocamentos em uma sociedade marcada pela dominação patriarcalista.

Amparados por estas mudanças que deu visibilidade a figura feminina, Cora Coralina nos traz uma mulher duplamente vitimada e estereotipada, primeiro, por ser mulher, e segundo, por ser prostituta. Por não se encontrar dentro do padrão estabelecido para a mulher na sociedade patriarcal, é violentada de diversas maneiras, não possuindo direitos igualitários aos das outras pessoas. Embora discriminada, em seus versos Cora metamorfoseia, essa mulher que era da “zona” e agora é da “vida” que, por circunstâncias, vive desta maneira. Ao dar vez e voz aos excluídos, Cora traz a tona uma parcela que a sociedade quer esquecer, mas que não deve ser esquecida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond. In: CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. 10. ed. São Paulo: Global, 2013.

DENÓFRIO, Darcy França. **Cora Coralina**. 3. ed. São Paulo: Global, 2008.

DUARTE, Constância Lima. **Os anos de 1930 e a literatura de autoria feminina**. In: WERKEMA, Andrea Sirihalet al **Literatura Brasileira 1930**, Belo Horizonte: UFMG, 2012.

MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

PINHEIRO, Suely Reis. A palavra ecoa pelos becos da vida: Cora Coralina, imagines, cheiros e cores na resistência social à exclusão. In: BRANDÃO, Izabel; ZAHIDÉ, L. Muzart. **Refazendo nós**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003. p. 225-242.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary del. **Histórias das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 401-442.